



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**ENCONTROS E DESENCONTROS POÉTICOS EM VOZES FEMININAS
CONTEMPORÂNEAS: ELIANE DEBUS E JANAINA NERY**

EWELYN WATSANA DOS SANTOS

GUARABIRA - PB

2024

EWELYN WATSANA DOS SANTOS

**OS DESENCONTROS POÉTICOS EM VOZES FEMININAS CONTEMPORÂNEAS:
ELIANE DEBUS E JANAINA NERY**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Literatura, identidade e alteridade.

Orientador: Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza

**GUARABIRA - PB
2024**

FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237e Santos, Ewelyn Watsana dos.
Encontros e desencontros poéticos em vozes femininas contemporâneas [manuscrito] : Eliane Debus e Janaina Nery / Ewelyn Watsana dos Santos. - 2024.
27 f. : il. color.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza, Departamento de Letras - CH".

1. Poesia Feminina. 2. Amor. 3. Solidão. 4. Sinergia. 5. Janaina Nery. 6. Eliane Debus. I. Título

21. ed. CDD 869.092

EWELYN WATSANA DOS SANTOS

**OS DESENCONTROS POÉTICOS EM VOZES FEMININAS CONTEMPORÂNEAS:
ELIANE DEBUS E JANAINA NERY**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Literatura, identidade e alteridade.

Aprovada em: 22 de novembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Olavo Barreto de Souza

Professor Dr. Olavo Barreto de Souza (UEPB)
Orientador

Anilda Costa Alves

Professora Dra. Anilda Costa Alves (UEPB)
Membro Titular

William Sampaio Lima de Sousa

Professor Dr. William Sampaio Lima de Sousa (UEPB)
Membro Titular

DEDICATÓRIA

Agradeço, primeiramente, a Deus, àquele que me viu na minha insignificância e fez arder em meu coração sonhos dos quais jamais pensei, que me sustentou, me guardou e protegeu quando achei que estava sozinha nesta jornada. Ao Senhor da minha fé, dos meus dias e vida, agradeço!

Ao meu querido esposo Sadraque, que esteve comigo desde os primeiros passos nos corredores da instituição até as conquistas que celebramos hoje, quero expressar minha profunda gratidão. Sua dedicação, carinho e incentivo foram fundamentais em cada desafio que enfrentamos. Obrigada por sempre acreditar em mim e por não ter desistido, mesmo quando as dificuldades pareciam grandes. Seu amor e apoio constante me inspiraram a seguir em frente e a lutar pelos meus sonhos. Amo você, hoje e sempre!

Ao meu pai, Manoel Paulo dos Santos, que sempre me incentivou e me apoiou, guardo com carinho as memórias de momentos em que suas lágrimas expressavam o amor imenso que sente por mim. Seu amor, carinho e proteção estão eternamente gravados em meu coração.

Agradeço também à minha tia Lenira e minhas primas, que abriram as portas de suas casas e me acolheram com tanto amor durante esses anos.

Não posso deixar de mencionar meu irmão, Ewertyn, cuja presença (mesmo distante) e apoio incondicional sempre me incentivaram a seguir em frente. A todos vocês, minha eterna gratidão! Vocês são fundamentais na minha jornada, e sou muito grata por ter cada um de vocês ao meu lado.

A tia Vitória por ser solícita e amiga em todos os momentos, agradeço!

Aos meus queridos amigos Rita, Izadora, Juliana e Maria José, que sempre estiveram ao meu lado. Em especial, à Valquíria, pela amizade incondicional e pelo apoio constante ao longo de todo o meu percurso acadêmico e fora do campus. A Joise, Camila e Micaelle, que sempre me colocaram em suas orações, e, mesmo com a distância, nossa amizade permanece firme e inabalável. Que Jesus vos abençoe. Vocês moram em meu coração!

Aos professores, expresso minha profunda gratidão por todos os conselhos valiosos, pela ajuda incessante e pela imensa paciência que tiveram ao longo do meu aprendizado. Cada lição, cada momento de apoio e cada palavra de encorajamento contribuíram significativamente para a minha formação.

A banca que carinhosamente se dispôs a avaliar meu trabalho, agradeço. A generosidade de vocês em compartilhar seu tempo e conhecimento é verdadeiramente inspiradora. Obrigada por serem referências tão significativas para mim!

Ao meu querido orientador, Doutor Olavo Barreto de Souza, seu entusiasmo pela educação é fascinante, cada aula com o senhor era inspiradora e instigante. Obrigada por ter aceitado me orientar, nossas reuniões foram de grande valia, não teria conseguido sem o seu apoio. Obrigada pelos puxões de orelha e por sua amizade! Desejo que o seu caminho seja brilhante, assim como és!

Dedico em especial a minha mãe, Lenilda Marcelino dos Santos (*in memoriam*), que desde pequena me incentivava aos estudos, que me presenteava com livros, diários e música de qualidade, o seu amor e dedicação em vida me tornaram uma mulher forte e corajosa, mesmo em meio há tantas diversidades. Lamento não tê-la neste momento, mas em meu coração eu sei que a senhora está orgulhosa da sua menina.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01: Eliane Debus	12
Figura 02: Janaína Nery	13
Figura 03: Capa da obra Escrituras negras - a mulher que reluz em mim (2020)	14
Figura 04: Capa da obra Sinergia (2021)	15

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ELIANE DEBUS E JANAÍNA NERY: ENCONTROS BIBLIOGRÁFICOS E ESTÉTICOS	12
3 ESCRITURAS NEGRAS - A MULHER QUE RELUZ EM MIM E SINERGIA: BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE AS OBRAS	14
4 ANÁLISE DOS POEMAS :	16
4.1 Ciclos de Solidão e (Des)Encontro	16
4.2 A MONTANHA, LOCAL DE AMPLITUDE DA SUBJETIVIDADE AMOROSA	19
4.3 ENCONTROS E DESENCONTROS POÉTICOS NOS POEMAS “ SOZINHA DE NERY E AMOR NAS ALTURAS DE DEBUS”	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
6 REFERÊNCIAS	25

OS DESENCONTROS POÉTICOS EM VOZES FEMININAS CONTEMPORÂNEAS: ELIANE DEBUS E JANAINA NERY

Ewelyn Watsana dos Santos¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como são estabelecidos os desencontros nos poemas contemporâneos de autorias femininas negras "Amor nas alturas", de Eliane Debus e "Sozinha", de Janaina Nery, à medida que dialogam nas suas temáticas. Com isso, também, apresentaremos a poética das autoras em estudo, discutindo a construção poética desenvolvida por elas nos textos selecionados. Sobre isso, consideramos o uso imagético e simbólico que constroem a visualidade textual, o que permitirá a uma análise crítica dos poemas tendo em vista a similaridade e as dessemelhanças que podem ser constatadas em suas tessituras poéticas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de base bibliográfica, cujo elemento central deste percurso investigativo está na análise interpretativa dos poemas das autoras. Para embasar nossa investigação, recorreremos à hooks (2000), especialmente no que diz respeito ao amor e às relações afetivas; Foucault (1988, 1996), com suas reflexões sobre discursos e sexualidade; e Huizinga (2004), que aborda a função poética, litúrgica e vital da poesia. Como resultados percebemos que o eu lírico nos textos promove a representatividade feminina se apropriando do sentimento da solidão, além encontrarmos uma visualidade estrutural nos poemas que refletem o simbolismo do resgate da ancestralidade, bem como, também, a expressão dos encontros e dessemelhanças que favorecem reflexões nas relações amorosas/afetivas.

Palavras-chave: Poesia Feminina, Amor, Solidão, Sinergia, Janaina Nery, Eliane Debus.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how disagreements are established in poems by contemporary female authors "love in heights" by Eliane Debus and "alone" by Janaina Nery as they dialogue in their themes, with this we will also present the poetics of the authors under study, discussing the poetic construction developed by the authors - the imagery and symbolic use that construct textual visuality -, which will allow for a critical analysis of the poems taking into account the similarity and the dissimilarities that can be seen in their poetic textures. Methodologically, this is a qualitative research with a bibliographic basis. To support the analysis, we turned to Hooks (2000), especially with regard to love and affective relationships; Foucault (1988, 1996), with his reflections on discourses and sexuality; and Huizinga (2004), which addresses the poetic, liturgical and vital function of poetry. As a result, we realized that the lyrical self in the texts promotes female representation by appropriating the feeling of loneliness, the structural visuality of the poem full of symbolism that portrays the rescue of ancestry and also through encounters and dissimilarities spread reflections on loving/affective relationships.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar e investigar como são construídos os desencontros e as dessemelhanças poéticas nos poemas "Sozinha", de Eliane Debus, e "Amor nas Alturas", de Janaina Nery, na tessitura expressiva dessas obras. Ambas são autoras negras contemporâneas que compartilham

¹ Graduada em Letras - língua portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ewelyn.santos@aluno.uepb.edu.br

temáticas semelhantes, mas exploram-nas por meio de estruturas distintas. Essa abordagem contribui para fortalecer a luta por dar voz às mulheres, destacando suas perspectivas e experiências únicas. Para isso, analisaremos como a poética das autoras é construída, destacando, por exemplo, a utilização da poesia concreta, que, por meio de uma visualização imagética, permite ao leitor enxergar no espaço as imagens da realidade introspectiva do eu lírico. Também exploraremos a reflexão do poema na estrutura expressiva de sua composição, que rompe com os padrões clássicos de escrita poética. Essa abordagem reflete uma espécie de disruptura poética feminina, favorecendo, com isso, inovações no campo literário.

Os poemas oferecem às vozes negras contemporâneas uma liberdade de expressão que, no passado, lhes foi negada. Essa liberdade se manifesta tanto na expressão de sentimentos quanto na crítica histórica e na análise da realidade atual da população negra. Por meio do lirismo, essas obras promovem a reflexão, enriquecem a linguagem e rompem barreiras sociais e culturais. Nesta pesquisa, tomamos como base dois poemas de autoras contemporâneas não-canônicas: Eliane Debus e Janaína Nery. Essas poetisas estimulam a discussão em torno de um eu lírico feminino e negro no cenário atual. Seus versos abordam experiências e o amor, um amor que, ao mesmo tempo, constrói um plano de fundo para denúncias e evidenciar as lutas contra as barreiras construídas pelo discurso hegemônico, fazendo com estas saiam das margens e alcancem lugares de ascensão social e de notoriedade.

A pesquisa aciona a relevância de discutir a importância de escrituras negras, uma vez que o cenário é consolidado pelo conceito canônico hegemônico que excluiu, ao longo de décadas, a voz poética feminina da pauta literária. Dessa forma, cabia a prescrição da procriação e a solidão cujas autoras deste trabalho trazem à tona, a solidão como forma de desconstrução e as relações afetivas, que demonstram a mistificação do amor negro em um cenário capitalista. Neste contexto, a pesquisa busca, em termos de objetivos específicos: a) apresentar, brevemente, a produção das autoras em questão, uma poética antirracista, marcada pela luta pelos direitos femininos negros, permeada pela visualidade simbólica das composições; b) discutir a construção poética desenvolvidas no estilo das autoras, pelo registro moderno das suas poéticas através de versos livres e da poesia imagética que constrói a visualidade textual na tessitura poética que através das simbologias resgatam a ancestralidade e desconstrói o conceito usual da temática solidão; c) analisar criticamente os poemas tendo em vista as similaridades e as diferenças que podem ser constatadas em seus tecidos poéticos.

Vale ressaltarmos aqui que sobre as escritoras negras contemporâneas, Sales (2021), mencionando um trecho de uma entrevista, aponta que as escritoras negras Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves, na década de 80, do século XX, questionavam quais estratégias seriam possíveis para subverter a ordem canônica, tendo em vista os circuitos editoriais de mercado. Ainda, o mesmo autor pondera que tais autorias focalizam sobre a perspectiva estética, em termos de conteúdo e forma literárias, bem como dos meios para que seus textos possam ser aceitos ou rejeitados, haja vista suas vinculações com posicionalidades que testificam contraposições e singularidades, no contexto aludido. A promoção dessas escritoras promoveria debates de como as mulheres negras foram retratadas ao longo do tempo por autores brancos e autores negros, reverberando a necessidade de ampliar os espaços discursivos e a presença da escrita feminina negra no contexto literário-poético brasileiro.

Como mencionando acima, a poesia de autoria feminina veio ter notoriedade anos 80 através da poetisa Esmeralda Ribeiro e o Grupo Quilombhoje Literatura que engajaram o empoderamento político antirracista e anticolonial, fortalecendo o movimento, o que rompe com a estrutura eugênica. Em contraposto a essa estrutura, Evaristo (2009) afirma que as corporeidades e corporalidades negras sofrem com um passado colonial que ainda persiste, minorando espaços de coletividade e individuais em que esses corpos possam se expressar. Assim, a manifestação poética de autoria feminina é uma forma de resistência e descolonização, uma vez que institui reflexões a partir de um estado de vivência em um mundo capitalista, multicultural e indicado pelo gênero. Dessa forma, as autoras selecionadas nesta pesquisa discutem temáticas antirracistas e decoloniais em seus versos pelo plano de fundo do sentimento, expressão da solidão que há muitos anos foi o reflexo da situação da realidade que estiveram sós durante todo o processo histórico.

A escolha desta temática justifica-se pela necessidade de ampliar a discussão sobre as escrituras poéticas de autoras negras, cujas vozes líricas foram silenciadas por muitos anos, relegando-as a um lugar de invisibilidade e solidão. Assim, nosso propósito reside em contribuir para a construção de um espaço em que essas mulheres tenham maior prestígio e visibilidade no cenário literário contemporâneo, além de fomentar pesquisas acadêmicas futuras.

A fim de ilustrar nosso percurso investigativo, para o leitor, o trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos as autoras e suas estéticas, com foco nos poemas que constituem o corpus da pesquisa. Em seguida, faremos considerações sobre as antologias que abrigam essas obras. Posteriormente, desenvolvemos uma análise introdutória e detalhada dos poemas selecionados, culminando com as considerações finais. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de base bibliográfica. Para embasar a análise, recorreremos à hooks (2000)², especialmente no que diz respeito ao amor e às relações afetivas; Foucault (1988, 1996), com suas reflexões sobre discursos e sexualidade; e Huizinga (2004), que aborda a função poética, litúrgica e vital da poesia. Como resultado percebemos que o eu lírico nos textos promove a representatividade feminina se apropriando do sentimento da solidão, da visualidade estrutural do poema cheia de simbolismo que retratam o resgate da ancestralidade e também por meios dos encontros e dessemelhanças espalhem reflexões nas relações amorosas/afetivas. Estes pontos contribuem para que muitas mulheres se apropriem da própria solidão que se torna um local de reconstrução e ressignificação da própria identidade e desconstroem os paradigmas coloniais que ainda se perpetuam nos dias atuais.

² Nos textos diversos da autora, ela adota seu nome com iniciais minúsculas. Preferimos seguir esse padrão estético e, no caso dela, político. Trata-se de uma estratégia não-egoica para o seu pensamento poder singularizar-se. Para mais informações, consultar Caruso (2021).

2 ELIANE DEBUS E JANAÍNA NERY: ENCONTROS BIBLIOGRÁFICOS E ESTÉTICOS

Figura 01: Eliane Debus



Fonte: Redação DC (2022)

A primeira autora tratada na nossa pesquisa é Eliane Santana Dias Debus. Ela é pesquisadora e escritora negra, nascida em 1966 na cidade de Sombrio, Santa Catarina. Ela é mestre Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e possui doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora no departamento de Metodologia de Ensino, da UFSC, e se destaca por contribuir na literatura infantil e juvenil, além de por fazer parte de iniciativas nacionais e internacionais voltadas para literatura e ensino. Tem sua produção literária dedicada ao público infanto-juvenil, tendo sido premiada em 1980 por suas crônicas e poesias. Entre sua produção literária infantil estão as seguintes obras: *O medo e os seus segredos* (2008) e *É tempo de Pão - por-Deus* (2011).

Em relação à estética poética de Debus, ela é entrelaçada com a cultura afro-brasileira. Seus poemas exploram temáticas que visam suscitar o resgate da memória e a sua preservação, a continuidade de ritos e costumes da ancestralidade e da identidade negra. Estes aspectos da história e da cultura africana e afro-brasileira aciona o resgate das narrativas que sofreram algum tipo de segregação, seja a marginalização ou a subalternização. Ao abordar temáticas voltadas para questões sociais, culturais e históricas, sua linguagem exprime por meio do simbolismo e da sensibilidade, promovendo a reflexão sobre os afrodescendentes e negros que vivem no Brasil. Sua poética reflete uma forma de reivindicação e de resistência, ao passo em que estabelece uma ponte entre o passado e o presente de forma a se reimaginar as histórias que foram esquecidas e marginalizadas. Essa ação criativa permite novas perspectivas sobre a identidade e a ancestralidade, misturando através da sua poética elementos místicos e contemporâneos que firmam o compromisso com a integridade sócio-histórico-cultural.

Figura 02: Janaína Nery

Fonte: *Blog Escrituras negras* (2021)

A segunda autora tratada na nossa pesquisa é Janaína Nery Viana. Formada em Letras/Literaturas, pela Universidade Federal Fluminense (2004), é especialista em Língua Portuguesa (2008) e em Educação e Relações Raciais, também pela Universidade Federal Fluminense (2014). É mestre em Educação e processos formativos e desigualdades sociais, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente integra a docência nos Colégio Estadual Oliveira Viana e CIEP 258 Astrogilo Pereira - SEEDUC. Ela também é uma escritora antirracista e ativista. Sua obra literária é voltada para o empoderamento identitário negro e infantil, explorando temáticas do orgulho da ancestralidade e questões sociais. Frequentemente utiliza-se de linguagem lúdica para didatização do conteúdo literário destinado ao seu público, promovendo a reflexão sobre a ampliação da desigualdade social e diversidade cultural, o que resulta na reeducação de valores estereotipados raciais.

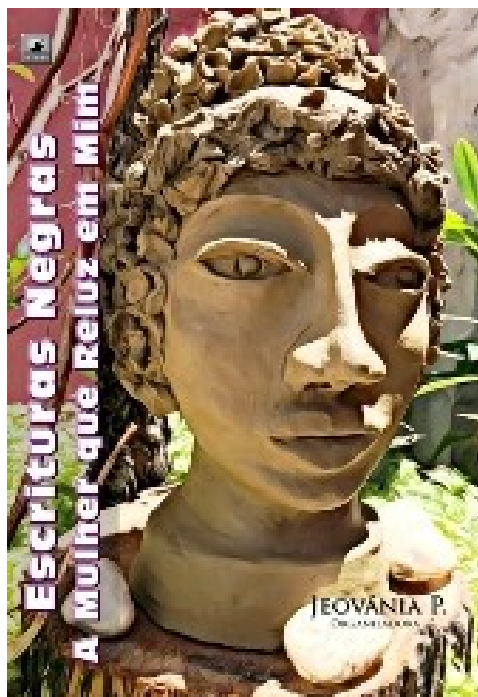
Em 2023, publicou a obra *O Penteado da Princesa Zuri* que, por meio de uma linguagem lúdica, promove a ruptura de mecanismos racistas por tratar da valorização da ancestralidade, do corpo negro, bem como suas estéticas, por da representação positiva e respeitosa, celebrando a beleza e a cultura afro-brasileira a partir dos cabelos crespos como representação de resistência e identidade. Sendo os cabelos crespos, a história e as tradições elementos que constituem a sua obra poética, apresentados de forma suave e séria, essa atividade criativa promove um espaço poético de ressignificação, acolhimento e de empoderamento.

Janaína Nery apropria-se de uma linguagem acessível para denotar na tessitura poética questões voltadas para o pertencimento, valorização da identidade negra, resistência e aceitação pessoal. A sua poesia busca a reeducação cultural, especialmente crianças negras, promovendo a diversidade e a inclusão como valores fundamentais. Todo o teor da sua poética é proporcionado pelo apelo imagético e simbólico que aborda questões sociais e culturais voltadas para ampliação da valorização étnico-racial. Dessa forma, sua poética está enraizada na valorização da identidade negra com uma abordagem voltada para o público infanto-juvenil. Seus poemas apresentam elementos recorrentes no cotidiano negro, como a ancestralidade negra, a beleza da cultura afro-brasileira que estão ligados intimamente com as raízes dos indivíduos.

A partir das considerações gerais sobre o perfil literário e profissional das autorias investigadas na nossa pesquisa, passamos para a apresentação das obras que reúnem os poemas a serem comentados criticamente nesse trabalho.

3 ESCRITURAS NEGRAS - A MULHER QUE RELUZ EM MIM E SINERGIA: BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE AS OBRAS

Figura 03: Capa da obra *Escrituras negras - a mulher que reluz em mim* (2020)



Fonte: dados da pesquisa.

A obra *Escrituras negras: A mulher que reluz em mim*, organizado em 2020 pela poeta Jeovânia Pinheiro do Nascimento (Jeovânia P.), reúne em seu conteúdo textos poéticos e ensaios sobre as mulheres negras na contemporaneidade. A obra é marcada por discursos de caráter de resistência que fazem o resgate da memória e da ancestralidade e do empoderamento das mulheres negras, denunciando o descaso e a opressões estruturais de gênero e raça.

Analisando a segunda parte do título, "*A mulher que reluz em mim*", constatamos que ela representa um movimento de autoafirmação em um contexto pluralizado. Esse movimento acontece de dentro para fora, externalizando as dores da opressão e evocando uma ancestralidade que servirá como um guia que clareia o caminho em meio às dificuldades no resgate de valores e princípios dos antepassados. O próprio título chama atenção para o fato de que as autoras, metaforicamente, serão as luzes no presente que promoverão uma propagação através das suas histórias ou poéticas. A valorização da mulher negra que refletirá nas próximas gerações, mostrando um caminho que desconstrói o estereótipo de que a poesia feminina apenas aborda a temática da dor, mas que a escrita poética feminina é um local de ressignificação da dor e uma forma de reconstrução da identidade.

Por ser uma obra com diversas autoras, cada poema tem uma abordagem única, cuja subjetividade é rica e que se unem em um só propósito, a luta contra o silenciamento dos escritos, do racismo e do sexismo. Estas autoras, por um lado, contrastam o espaço criativo, a beleza e força por meio de uma literatura de disruptura e de ato autorrealização e a opressão, por outro lado, a poética feminina revela tamanha violência simbólica e material promovida contras estas mulheres.

Em linhas gerais, a obra posiciona-se sobre questões da literatura feminina negra contemporânea, dialogando com a tradição que promove um resgate da memória e da ancestralidade. A obra reflete a necessidade de se abranger os espaços discursivos de mulheres negras, mostrando também que as barreiras necessitam ser rompidas para que estas vozes sejam ouvidas. A obra é singular ao celebrar a riqueza historiográfica e literária, confrontando o sistema patriarcal.

Figura 04: Capa da obra *Sinergia* (2021)



Fonte: dados da pesquisa.

Em *Sinergia*, publicado em 2021 e organizado por Joviânia Pinheiro do Nascimento (Jeovânia P.), são reunidas diversas perspectivas e vozes femininas negras que com um único propósito, o de estabelecer interconexões entre os indivíduos e suas ideias. A coletânea fomenta a sororidade entre mulheres negras, nos textos. Jeovânia P., nessa coletânea, abre espaço para as escritoras compartilharem suas experiências e explorarem a capacidade de colaboração mútua, refletindo o ideal de que a união dos esforços contribui para a construção de algo maior em prol de ambas partes.

A despeito da construção estrutural da coletânea, a sua composição é bastante elaborada, dando às escritoras o espaço necessário para manifestar suas inquietações e reflexões. Essa liberdade promovida pelo espaçamento gera uma reflexão acerca da sinergia em diversos contextos. A inserção de diversos busca uma simbiose entre si, uma forma de tratar a obra de como um autor, de modo que não há competição, mas uma complementação, em que a sinergia resulta em benefícios mútuos.

A obra *Sinergia* é de suma importância, uma vez que promove a interação e colaboração entre as mulheres negras, mesmo que não dialoguem diretamente em suas perspectivas, mas trazem temáticas universalizadas e deixam sua marca pessoal. Tal obra cumpre a função de promover reflexões sobre a força das conexões humanas e a colaboração entre as mulheres negras.

Após descrição geral das obras onde estão os poemas focalizados nessa pesquisa, passamos, efetivamente, para os tópicos, em seguida, onde desenvolvemos nossa leitura crítica, realizando algumas incursões teóricas para elucidar as proposições criativas das autoras em tela. Inicialmente, apresentaremos os poemas, em suas totalidades, para, continuamente, ponderar sobre eles.

4 ENTRE JANAÍNA NERY E ELIANE DEBUS: POÉTICAS DO (DES)ENCONTRO, DAS ALTURAS E OUTRAS EXPRESSÕES - EXPLORAÇÃO CRÍTICA

4.1 CICLOS DE SOLIDÃO E (DES)ENCONTRO EM “SOZINHA”, DE JANAÍNA NERY

SOZINHA

O amor que você me deu
Me conheceu em profundidade
Me invadiu por inteiro
Corpo, alma e liberdade

Desarmou desconfianças
Desatou nós de amarguras e ressentimentos
De outros amores vãos

Amor preto
Amor meu

Me entreguei, apostei na sua verdade liberta de promessas e
ilusões
Me encaixei em seus braços, beijos, sussurros...
Corpo, desejo, paixão

De repente tudo se desfaz
O que era nunca foi
O amor se perdeu outra vez
Toques de carinho, proteção
Verdade, entrega, aceitação
Poesia em dispersão...
Laços desatados, corpos separados
Estou de volta ao vazio, estou de volta à solidão.

(Nery, 2020, p. 66-67)

O poema "Sozinha", da escritora contemporânea Janaína Nery, presente na obra *Escrituras Negras - A Mulher que Reluz em Mim* (2020), dá ênfase na solidão da mulher negra no âmbito das relações afetivas. Em conformidade com este fato, afirma hooks (2021, p. 31): [a] “maioria dos homens sente que recebe amor e, portanto, sabe o que é ser amado; as mulheres geralmente se sentem num estado constante de anseio, querendo amor, mas sem recebê-lo”. Diante disso, percebe-se que a voz poética do texto faz jus a uma espécie de posicionalidade do inconformismo com a situação amorosa, operada por uma elisão entre sujeitos que, antes, eram desejosos de si, no diálogo entre afetos. Desde o título percebe-se essa posição, a de estar “sozinha”, porque foi deixada. A fala da voz poética confirma esse estado de solidão, no qual a declaração poética incide num discurso de desconsolo.

Nas primeiras duas estrofes, Nery estabelece uma interlocução íntima com o leitor, revelando como o eu-lírico se sente estarrecido ao se abrir novamente para o amor: “O amor que você me deu / Me conheceu em profundidade / Me invadiu por inteiro / Corpo, alma e liberdade // Desarmou desconfianças / Desatou nós de amarguras e ressentimentos / De outros amores vãos” (Nery, 2020, p. 66). O eu lírico partilha seu deslumbramento e a profundidade de sua entrega, deixando transparecer a espera de que encontre, por fim, a reciprocidade e o acolhimento que tanto busca. O poema captura com muita sensibilidade a vivência da solidão da mulher negra, considerando especialmente as complexidades dos relacionamentos amorosos. Percebemos esse liame identitário por um viés discursivo. Trata-se de uma autora negra, numa antologia destinada a reunir autorias negras. Portanto, mesmo não havendo, plenamente, traços textuais que confirmam aspectos fenotípicos visíveis, pela contextualização e *locus* de produção do texto, o vinculamos a uma voz negra que expressa seus sentimentos.

Ademais, o lirismo, presente no texto, revela sua abertura e entrega a um novo amor, em que promessas e juras de eternidade parecem, no início, desfazer as barreiras emocionais construídas por decepções passadas. Como se, ao confiar e permitir-se sentir outra vez, ela estivesse tentando reescrever sua história afetiva, carregada de feridas e cicatrizes, totalmente confusos em relação à sua prática na vida cotidiana.

Nessa perspectiva, para ampliar nossas considerações e conectar autorias teóricas com o trabalho criativo de Nery, concordamos com hooks (2021, p. 33), ao tratar sobre o amor:

Na cultura popular, o amor sempre é da ordem da fantasia. Talvez seja por isso que os homens tenham produzido a maioria das teorias acerca do amor. A fantasia tem sido em grande parte domínio deles, tanto na esfera da produção cultural quanto no dia a dia. A fantasia masculina é vista como algo capaz de criar realidade, enquanto a fantasia feminina é tratada como puro escapismo.

Essa ideia de escapismo, ou seja, da subjetividade livre para a construção de cenários oníricos, muitas vezes dotados de uma expressão não-racional, elemento com o qual a poesia lírica, tradicionalmente, se constitui, desempenha uma forma de idealização para o texto. Enquanto uma leitura binária, podemos dizer, a partir de hooks (2012) que a fantasia amorosa da mulher vincula-se à expressão do desejo, do afeto, da abstração composta no relacionamento amoroso. Essa forma de encontra-se no outro, para se completar, é algo que presentifica-se em muitos textos firmados na poesia brasileira, sobretudo. Em termos de autorias negras, podemos contemplar isso em poemas do volume *As escrituras negras III - as pretas também amam*, também organizado por Jeovânia Pinheiro do Nascimento, em 2022.

Seguindo na nossa reflexão, observa-se nas últimas estrofes do poema a solidão que reaparece, sugerindo uma dolorosa repetição do ciclo de abandono e quebra de confiança. [...] “De repente tudo se desfaz / o que era nunca foi / o amor se perdeu outra vez. [...] estou de volta ao vazio, estou de volta à solidão.” (Nery, 2020, p. 66-67). Essa solidão, que, no texto, é específica à mulher negra, ressalta uma profundidade de sentimentos onde o amor se mistura com a vulnerabilidade e o risco. Em poucas linhas, o poema expõe não só a tristeza pessoal de um término, mas também um sentimento coletivo de marginalização e invisibilidade, que acaba se refletindo em suas experiências amorosas e afetivas. Em uma abordagem mais ampla acerca do amor, hooks (2021, p.38) afirma que:

Só o amor pode curar as feridas do passado. Entretanto, a intensidade de nossos ferimentos frequentemente nos leva a fechar nosso coração, tornando impossível retribuirmos ou recebermos o amor que nos é dado. Para abrirmos nosso coração mais plenamente para o poder e a graça do amor, devemos ousar reconhecer quão pouco sabemos sobre ele na teoria e na prática. Devemos encarar a confusão e a decepção em relação ao fato de que muito do que nos foi ensinado a respeito da natureza do amor não faz sentido quando aplicado à vida cotidiana.

A única alternativa para o eu lírico é compreender a capacidade de cura que o amor tem para as suas chagas. Entretanto, é perceptível que os ciclos da solidão atrelada às fases da vida e do seu meio social que infere na construção de um “eu feminino” que se submete a normalidade de imposições predeterminadas. Para aprofundar isso, nos portamos de Gregório (2017, p. 5), quando afirma:

Estudos apontam o alto índice de preterimento da mulher negra frente a mulher branca pelos homens negros, no âmbito afetivo-sexual/conjugal, o que acarreta o sentimento de solidão e humilhação às mulheres negras. Porém, a solidão da mulher negra antecede sua vida adulta e extrapola suas relações amorosas. A Solidão da Mulher Negra, vem desde a infância – em uma família desestruturada pelo machismo validado por uma sociedade patriarcal e o racismo validado por um Estado genocida –, perpassa a fase escolar – com o isolamento para evitar humilhações racistas por parte de colegas e professores –, atinge a adolescência – na construção solitária de uma identidade “aceitável” – e alcança a vida adulta – nas relações amorosas, na vida profissional, nos serviços de atenção à saúde, na criação dos filhos que o Estado não matou não prendeu.

Dessa forma, à medida que o enlace da poética se debruça no sentimento da solidão, ressalta a esse ciclo interminável que é viver de vazio, onde as expectativas são criadas no oceano das emoções e se desbravam na areia da praia e a água retorna ao mar, iniciando outra vez o ciclo. É possível resgatar do eu lírico, a vontade de vivenciar a profundidade do amor, mas não qualquer amor, um amor preto, um amor que transcende e perdura, pois só nesse amor preto, é possível que haja a compreensão da opressão, luta e das dificuldades das mulheres negras, onde o casal são participantes das mesmas causas.

Em contrapartida, o homem negro na maioria das vezes adere aos padrões estéticos da construção arquetípica da mulher branca, aquela de olhos azuis e cabelos loiros. A mulher negra, por outro lado, tenta inserir-se e encaixar-se nos padrões estéticos da brancura estabelecidos, apagando traços da sua identidade e subjetividade por meio da tintura e do alisamento dos cabelos, participando “inconscientemente” do embranquecimento estético. Sobre isso, indicamos o trecho: “Amor preto / Amor meu // Me entreguei, apostei na sua verdade liberta de promessas e ilusões / Me encaixei em seus braços, beijos, sussurros... / corpo, desejo, paixão” (Nery, 2020, p. 66). Analisamos, nos versos que o lirismo poético conduz a percepção da ruptura da insegurança em se entregar ao amor, uma vez que a correspondência do amado perpassa uma verdade absoluta que transmite plena segurança possibilitando a total entrega, tendo em vista que as realidades entrelaçam e cruzam as margens das promessas líquidas e incertas para algo sublime terno.

A este “amor negro” que rompem as barreiras da insegurança o eu lírico pontua a sua entrega exacerbada e deslumbra-se, além de demonstrar frustrações vivenciada em sua trajetória. Vejamos o trecho: “Desarmou desconfianças / Desatou nós de amarguras e ressentimentos / De outros amores vãos” (Nery, 2020, p. 66) Pontua-se aqui que, historicamente, a visão da subjugação e da domesticação do

feminino, a estas estavam predestinadas a fazer “coisas de mulher” versava-se entre os trabalhos domésticos e a procriar, restando a indiferença conjugal e em relação à mulher negra no Brasil colônia a exemplo seria a responsável por servir como objeto sexual e lucro para o senhor de escravos, atos de subversão não eram toleráveis. Então, o eu lírico reverbera a liberdade que o amado a possibilita, a ser livre, como alguém tira-lhe as amarras e lhe permite sonhar. Ao mesmo tempo que falamos do passado, é notório registrar que o olhar masculino sobre a mulher não mudou que concebe a mulher leviana, vulgarmente intitulada de “puta” que em Del Priore (1994, p. 55) a marca desse registro é fruto da colonização:

A prostituta, carregada de preconceitos, como a herdamos hoje, nasce do conflito entre a ideia imposta de que havia uma mulher com permissão institucional para transgredir (meretriz de bordel) e as realidades da colônia que incentivaram por razões de sobrevivência as infrações de qualquer mulher.

O ato da confessionalidade poética traz o resgate da memória dos primórdios da colonização em que todas as mulheres estavam sujeitas a prestar conta dos seus pecados, uma medida que assumia uma forma de controle normatizador do corpo feminino. Este sistema idealizou um perfil ideal feminino. Nos versos supracitados, o eu lírico subverte este ideal desconstruindo o ideal de que a mulher não possa ter diversos homens, onde essa pode entregar-se inteiramente ao amado sem se importar com os julgamentos, aliás é essa soltura das amarras que transparece nas entrelinhas. Consideramos isso, a partir dos versos: “Me encaixei em seus braços, beijos, sussurros.../ Corpo, desejo, paixão” (Nery, 2020, p. 66). Dessa forma, o discurso em primeira pessoa, aqui focalizado, demonstra o ideal de autonomia, de alguém que se voluntaria para a feita expressa no poema.

Continuando nossa análise, na última estrofe, a frustração lírica denota uma ruptura brusca das expectativas em relação ao seu sentimentalismo estarecido: De repente tudo se desfaz / O que era nunca foi / O amor se perdeu outra vez / Toques de carinho, proteção / Verdade, entrega, aceitação / Poesia em dispersão... Laços desatados, corpos separados / Estou de volta ao vazio, estou de volta à solidão (Nery, 2020, p. 66-67). Nesse sentido, a expectativa do “felizes para sempre” se dissolve e a venda que impossibilitava de enxergar a verdade é tirada dos olhos. Gradativamente, as ações culminam no resgate das lembranças afetivas, os toques intensos e a proteção, provida pela figura masculina, historicamente construída como imponente e provedor do conforto e da segurança feminina, é desfeita. A verdade de partilharem as mesmas lutas e conquistas são anuladas com o rompimento... e assim, o eu lírico se desencontra de si no “outro eu” que esperava encontrar no amado.

Para somar às questões acima descritas, tendo em vista a liquidez dos relacionamentos contemporâneos, nos portamos de Bauman (2004, p.16), quando diz:

Em nosso mundo de furiosa individualização, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. E por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial.

Assim, na contemporaneidade, o conceito de amor-sólido é desfeito e assume a forma líquida, assim “o felizes para sempre”, “o amor da minha vida” é obsoleto, só é eterno enquanto dura. O poema de Nery somatiza essas questões, formulando o discurso do eu deixado, aquele que se firma em um ideal fixo, porém tornado líquido, haja vista a suposta ausência de propósito do ente alheio. Seguindo essas questões, pensamos que as relações afetivas na modernidade superficiais, contraditórias e efêmeras. Esse pensamento também é confirmado por Féres-Carneiro (1998, p.7):

No casamento contemporâneo, os ideais do amor romântico tendem a se fragmentar, sobretudo pela pressão da emancipação da mulher e da autonomia feminina. As categorias de “para sempre e único” do amor romântico, não prevalecem na conjugalidade contemporânea.

O poema de Nery, nesse sentido, demonstra uma espécie de testemunho do abandono, ao mesmo tempo, ao colocar o “vazio” como algo conclusivo, abre a possibilidade para um novo, um por vir. Estar de volta à solidão, em primeira análise, se configura como algo trágico, porém, em termos da liquidez baumiana, pode representar um novo traço para a contemplação de um projeto de sociabilidade amorosa que se faz numa temporalidade futura. Estar sozinha, no aspecto do texto, é desfazer-se. Porém, é também um retorno a um espaço-tempo no qual apenas o eu se projetava plenamente.

4.2 A MONTANHA, LOCAL DE AMPLITUDE DA SUBJETIVIDADE AMOROSA EM “AMOR NAS ALTURAS”, DE ELIANE DEBUS

O amor nas alturas

A
 H L
 N ueT
 A
 T A
 N oD
 O E
 M S
 oproC
 I
 D
 A
 fatal.

(Debus, 2021, p. 42)

Em primeira instância, o poema Amor nas Alturas de Eliane Debus, disponível no livro *Sinergia* (2021), estruturado em forma de poesia concreta³, traz em sua composição imagética a figura de uma montanha, buscando perpassar a forma incondicional do amor enquanto entrega e intensidade por parte do eu-lírico. Partindo do ponto acerca do título do livro, a coletânea *Sinergia*, visa tratar sobre a busca pela colaboração e interação mútua em prol de uma coletividade, resgatando e valorizando a ancestralidade e a memória.

Ainda sobre a conceituação etimológica, Significados (2024) pontua que no termo/conceito “*sinergia* exprime a interação de duas ou mais partes que, ao colaborarem, geram um resultado maior do que a soma de suas contribuições individuais.” Nesse sentido, ela ocorre quando duas ou mais partes trabalham juntas de forma harmônica, potencializando suas capacidades e alcançando resultados que não seriam possíveis individualmente. Em relacionamentos, por exemplo, a sinergia é fundamental para criar uma conexão profunda e duradoura. Quando falamos de casais, a sinergia se manifesta na disposição mútua de investir tempo e esforço para cultivar a relação.

Quanto ao poema, a sua estrutura está voltada para a poesia concreta e nos traz a possibilidade de múltiplas leituras, sendo elas: a) intercaladas pela forma em subida e descida das palavras que constrói a ideia de ascensão e declínio diante do amor; ou, b) a condição entre espaço e locomoção das palavras diante da queda dos atos do outro. Visando essas possibilidades de leitura, temos a primeira que diante da interpretação do leitor pode ser lida da seguinte forma: 1) “Montanha alta, descida fatal”; 2) “Montanha alta descida do teu corpo fatal”.

Desse modo, sua temática faz alusão e descreve ao enaltecimento do amor platônico, sendo ele não correspondido, um amor impossível, difícil. Tendo em vista que segundo Silva (2005, p. 02), “o verdadeiro amor consiste no desejo racional de conhecer o bem verdadeiramente puro; é o amor de Eros, - “o delírio inspirado pelos deuses”, no qual o homem, tomado por esse sentimento ama e deseja alcançar a sabedoria, ou seja, as essências imutáveis”. Essa é a chamada visão platônica do amor, em que o ideal amoroso reside em uma ação abstrata do desejo, algo com uma essência plenificada, um alvo ascensional, e, nesses termos, também divino.

A partir dessas considerações, o poema “Amor nas alturas”, de Eliane Debus, é organizado como um “poema-objeto”. No qual cada elemento visual e espacial participa da construção de um significado. A sua forma gráfica imita uma montanha, disposta de modo que as letras interajam visualmente. Essa construção transmite ideia gradativa da ação poética, uma vez que a visualização constrói uma espécie de escada, onde a subida vai ficando mais íngreme a medida que se escala, possibilitando chegar ao seu apogeu e em seguida o declínio através da descida. Algo semelhante a essa busca ascensional, tal como na idealização platônica do amor.

Subjetivamente, a leitura possibilita várias interpretações analíticas, considerando a compreensão através do “eu lírico” implícita no discurso feminino negro. Sobre isso, a escalada dos sentimentos e o envolvimento no amor, implica a intensidade promotora de uma espécie de amor avivado, estado descomedido de

³ Aliando palavra e imagem no poema, trata-se de um movimento artístico do século XX - que ainda presentifica-se em autorias contemporâneas, tal como a autora em questão. As produções artísticas dessa expressão literária tendem a considerar atividades verbivocovisuais, utilizando a mancha na página de formas diversas, com a finalidade de efetuar um posicionamento antiformal, em comparação com a poesia tradicionalmente escrita em versos. Para mais informações, consultar Campos, Pignatari e Campos (2006).

total entrega sem possibilidade visualizar o quão alto é a subida para concretização do amor e também da possibilidade de deparar-se com a frustração.

A visualidade do poema também possibilita, através da separação silábica que constrói, que o leitor também traga ao texto a conotação sexual, no qual, quem lê visualiza o corpo do amado como um objeto de desejo. Dessa maneira, a transcendência do estado mental da pessoa que ama, o estado mental que leva o eu lírico a ir para um limbo de sublimação “ir às alturas”. Assim, a montanha revela-nos o estado físico do eu lírico que antecede o envolvimento romântico, a este estado de imobilidade e firmeza e que se atenua conforme a sua estagnação.

Em continuidade, vejamos o trecho abaixo:

A
H
N
A
T
N
O
M

(Debus, 2021, p. 42)

A poética em seu plano de fundo revela a própria condição humana saturada e de permanência e de reconhecimento da sua própria imobilidade em relação às coisas ao seu redor. A sujeição ao estado de permanência é o que faz com que o visualmente tem vida e movimento se torne inanimado, sem movimento, sem cor e firmeza, é o ser humano quem determina as condições das coisas ao seu redor pelo próprio ponto de vista.

Quanto à disposição gráfica da palavra M-O-N-T-A-N-H-A, ela demonstra uma intencionalidade do eu lírico, metaforicamente, a montanha pode ser tomada aqui como princípio de historicidade hegemônica que impôs sua visão de imobilização, pondo-lhe algemas na manifestação do pensamento. As mulheres negras foram predeterminadas a condição de silenciamento, restando-lhe a marginalização, subalternização e discriminação. Sendo esta a princípio a primeira montanha, local da opressão, misoginia e de imobilização.

A montanha tomando a perspectiva das emoções pode ser referenciada como um local de culto, um altar, a adoração do corpo do amado, pontua-se, de maneira sempre redutível, que o corpo da mulher negra é voltado para objetificação, enquanto do homem é determinado pelo olhar eurocêntrico, olhos azuis, cabelos loiros. A mulher negra tem seus seios fartos, glúteos avantajados e lábios carnudos, numa visão de estereotipia. Correlacionando, a poesia assume um papel fundamental, nessa perspectiva ritualística, que, para Huizinga (2004, p. 134), designa “[...] uma função vital que é social e litúrgica ao mesmo tempo. Toda a poesia da antiguidade é simultaneamente ritual, divertimento, arte, invenção de enigmas, doutrina, persuasão, feitiçaria, adivinhação, profecia e competição.”. Embora, sendo um poema contemporâneo, contemplamos essa função expressiva, haja vista a motivação cronotópica⁴.

⁴ Condição espaço-temporal do texto.

O local montanhoso demonstra a escalada que o próprio eu poético faz em si, um processo de descoberta de uma subjetividade mais profunda, a este estado pontua Pinheiro, Filho e Pantoja (2020, p. 62-63):

O fenômeno poético abarca o mergulho do eu em seu próprio mundo tentando atingir sua maior profundidade. Onde se dá esse mergulho? O espaço geográfico circundante é importante nessa busca/investigação? Precisamos ponderar duas questões. Primeira: O espaço pode ser um elemento catalisador do fenômeno poético. Segunda: Em si mesmo, o fenômeno poético não tem nada a ver com o espaço no sentido euclidiano. O que provoca a poesia no poeta? Qual o elemento detonador que faz com que o poeta procure expressar seu caos interior? A princípio tudo. Não 88 Revista TOPUS 5 (2) Jul/Dez 2019 existem coisas, seres, objetos, situações que não provoquem poesia. Uma dessas entidades é, sem dúvida nenhuma, a natureza! O mar, a floresta, o céu, as estrelas etc. são elementos detonadores de poesia. Uma paisagem urbana também pode cumprir esse papel. Um objeto também. Portanto, podemos concluir de forma bastante categórica que o espaço circundante cumpre uma função básica em relação ao fenômeno poético, isto é, o espaço é um gatilho.

Na segunda parte do poema concreto de Debus, a visualização permite a desnuda a forma como fora consumado o envolvimento romântico e a desconstrução da figura feminina/masculina. A princípio, a escalada permitiu a contemplação do corpo do masculino, na firmeza da escalada da montanha, ora que a distribuição gráfica da palavra formou degraus, demonstrando como o amor fora construído, mediante a ruptura dos preconceitos, da opressão. Ao topo a letra “A” em consonância aos cinco sentidos, permite cogitar a respiração do cansaço em decorrência da escalada, ao suspiro do ser apaixonado e da cogitação do ato sexual, como símbolo da total entrega.

A
 L
 ueT

 A
 oD
 E
 S
 oproC
 I
 D
 A
 fatal.

(Debus, 2021, p. 42)

Consumado as relações construtivas de progressão/ascensão/redenção, o amor que ora era bem estruturado e sólido dissolve-se no ar e a iminente queda é inevitável ou fatal. Conjecturamos as possíveis interpretações: a frustração amorosa,

a entrega de corpo e alma impulsivamente e a possibilidade da morte do eu-lírico, assassinado.

4.3 ENCONTROS E DESENCONTROS POÉTICOS NOS POEMAS “SOZINHA”, DE JANAÍNA NERY E “AMOR NAS ALTURAS”, DE ELIANE DEBUS

A convergência na versatilidade do eu-lírico em cada poema articula vozes femininas negras e contemporâneas que revelam a atenuação de ecos do passado ainda presente na atualidade. Ecos que trazem à memória a luta feminina negra mediante ao silenciamento, apagamento e invisibilidade feminina registrado ao longo do tempo sobre o corpo feminino e a sua forma de expressão que em Foucault (1999, p. 29):

um texto no horizonte do qual paira uma obra possível retoma por sua conta a função do autor: aquilo que ele escreve e o que não escreve, aquilo que desenha, mesmo a título de rascunho provisório, como esboço da obra, e o que deixa, vai cair como conversas cotidianas. Todo este jogo de diferenças é prescrito pela função do autor, tal como a recebe de sua época ou tal como ele, por sua vez, a modifica. Pois embora possa modificar a imagem tradicional que se faz de um autor, será a partir de uma nova posição do autor que recortara, em tudo o que poderia ter dito, em tudo o que diz todos os dias, a todo momento, o perfil ainda trêmulo de sua obra.

O reflexo da subjetividade contemporânea negra e feminina coincide com o posicionamento de res(exi)stência a construção hegemônica do predeterminismo e falocentrismo: a mulher como fruto da idealização do homem, destinada a viver a sombra do homem e que cujo falar era sobreposto no discurso masculinista.

Dessa forma, a princípio a poética de ambos poemas assemelham-se na ordem no qual os “eus líricos” apresentam seus discursos que trazem vozes conotativas, através das metáforas e das comparações que emergem em cada verso. Nesse sentido, a operação criativa dos poemas, segue a linha reflexiva próxima ao que pondera Foucault (1999, p. 10): “[o] discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” Assim, os poemas traduzem anseios e revelam afetos, cada um manifestando singularidades.

As figuras de linguagem nos poemas constroem sentidos de rupturas na subjetividade do coletivo, uma vez que tragicidade, em ambos os poemas, culminam na solidão feminina que reflete na sua autonomia. No primeiro, a solidão versa no corpo do esbelto homem negro; no segundo, nos degraus do amor que escalona os versos. Essa configuração da subjetividade do “eu” em sobreposição do outro permeada de sentimentalismo e de símbolos estão presentes na tessitura poética, trazendo em si outras adjacências.

A plurissignificação em contraposto com o tema central do amor embutido na fatalidade refletem no sentido sensual, uma vez que o corpo do amado possibilita a realização de fuga da realidade opressora que é resultado da herança histórica-cultural patriarcal.

Enquanto em relação ao corpo feminino, de acordo com Barttky (1997, p. 93):

“na cultura patriarcal contemporânea, um conhecedor panóptico masculino reside dentro da consciência da maioria das mulheres; eles estão perpetuamente diante de seu olhar e sob seu julgamento. As mulheres vivem seus corpos como vistos por outra, por um anônimo, patriarcal”.

Dessa forma, nos poemas o corpo da mulher é o local de entrega, de satisfação e ao mesmo de subversão, enquanto no segundo poema é o local de se descobrir como mulher, o seu próprio eu refletido em cada degrau. Em ambos é refletido na entrega ao amado, ou seja, o corpo é submetido a visão masculina que determina como este deve ser comportado nos meios sociais causando a solidão e a frustração, assim nos mostra Foucault (1987, p.119) que:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. “Uma autonomia política”, que é também uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).

Conforme esse pensamento, verifica-se que os corpos não estão infensos ao ideário político que manifesta operações criativas. Essa dinâmica do poder, mesmo ofertando modelos de dominação, não está plena no seu seguimento, não é fixa ao ponto de não ser subvertida. Dessa forma, os poemas contemplam formas de reconfigurar dinâmicas afetivas, formais, estéticas, bem como políticas.

Ampliando essa questão, em relação ao corpo feminino negro, hooks (1995, p. 469) afirma que:

[...] as negras têm sido historicamente vistas como encarnação de uma “perigosa” natureza feminina que deve ser governada. Mais do que qualquer mulher [...], as negras têm sido consideradas como só corpo sem mente. [...] a utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era exemplificada prática da ideia e que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas.

No poema “Sozinha”, a construção do corpo feminino subverte o predeterminismo, já que historicamente a mulher foi vedada do prazer sexual, servindo apenas de objeto sexual dos homens, daí vindo a objetificação do corpo feminino. Assim, o eu lírico deturpa este conceito, a figura encontra o prazer no seu “amor negro” que lhe proporciona não emoções e sentimentos, mas o prazer de se entregar sem medo de julgamentos.

Em “O amor nas alturas” também é possível visualizar a idealização sexualizada não do corpo da mulher, mas a idealização do corpo masculino, mais uma vez rompendo os paradigmas, tendo em vista que a mulher que mostrava seus desejos e os consumava era tida como “puta” tendo nenhum prestígio na sociedade. Assim, o eu lírico revela uma figura feminina disposta a escalar no corpo do amado e sentir prazer nesta escalada e ao chegar ao êxtase ou orgasmo perceber que é irresistível não se autossatisfazer também na relação. Historicamente, a mulher no ato sexual era dominada e subjugada, inibida do prazer sexual, convinha tão somente satisfazer o marido, certas posições e comportamentos na hora do sexo eram considerados inadmissíveis, restando-lhe a receita tradicional. Quando tratado isso, sobre a mulher negra, elas, num passado colonial, serviam apenas para procriação visando o lucro dos senhores. Eram consideradas não detentoras de alma e de intelecto, concebidas com animais, seres não humanizados que deveriam retidas de liberdade mais do que qualquer outra mulher. Em contraste com essa realidade, no poema de Debus, a mulher tem consciência do seu estado mental, a

montanha torna-se o local de mergulho interior e ao menos tempo de vislumbre da conquista alcançada através das lutas femininas.

Pontuamos que a sedução e o erotismo são recorrentes em ambos os poemas. A partir dessa pontuação, concordamos com Souza (2017, p. 20-21), acerca do erotismo, quando afirma:

O erotismo, de modo análogo, é uma estilização da sexualidade. É uma quebra do objetivo procriador para a manutenção da espécie. Enquanto a sexualidade está para a conservação, o erotismo está para contemplação participativa, experiencial dos amantes, os quais acessam um nível de conhecimento que conecta suas subjetividades, plenificando-se uma energia que tem seu ponto mais alto naquele momento singular.

O rompimento com o padrão da procriação é de caráter subversivo, pautado no empoderamento feminino, onde o corpo é pertencente a si mesma e ela quem determina o como e o que fazer com seu corpo, saindo das algemas do masculinismo que se considerava dono do corpo feminino. Podendo este eu lírico usar do seu corpo como “ferramenta” para seduzir e erotizar.

Em “O amor nas alturas” e em “Sozinha” há uma espécie de “salto” tanto na consciência quanto no corpo do amado que permite a sair de si mesma em direção a algo maior e transcende. Em relação a este sair de si, Souza (2017, p. 21) pondera: “[...] esse sair de si mesmo, buscando uma relação com o outro, é traçado [...], como um percurso que está no nível de abstração do leitor real, a projeção de uma identidade referencial, presta-se para uma realidade no além de si mesmo, num lugar idealizado”. Essa idealização, essa tematização poética, configura-se no imaginário de cada uma das autoras, na formalização de universos que praticam distintas manifestações de afeto.

Por fim, os poemas analisados convergem no que tange a demonstração das suas preocupações com a causa feminina, seu lugar de fala, com autonomia dos seus corpos. Sobre isso, firmamos voz com Souza (2006, p. 340), quando afirma:

[...] teórica ou poeticamente, as mulheres demonstram a preocupação em apontar e questionar os papéis e os lugares definidos para si, colocando-se como vozes autorizadas para falar de suas sensações e percepções-tendo em vista que a autoimagens estão fundamentadas nas experiências de dor, prazer, ou desprazer que o corpo obriga-se a sentir e a pensar [...] corpo [...] espaço qualificado historicamente para a grafia e a leitura das experiências passadas e cotidianas, para a inscrição de sonhos e desejos.

As autorias aqui focalizadas demonstram, a partir dessas considerações, construir espacialidades para expressar seus afetos, suas cosmovisões amorosas, sejam considerando suas particularidades formais, suas partilhas de sensibilidade com o sentimento amoroso. Tal atividade criativa figura a instância da voz negra de autoria feminina, na poesia contemporânea, situada nas antologias analisadas nesse trabalho, a partir dos poemas selecionados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão desta pesquisa retoma ao eu lírico nos poemas que através dos conceitos de sinergia e de solidão possibilitam reflexão ao itinerário literário feminino negro, compreendendo que a sinergia é o resultado de forças femininas que engajam em prol de todas as demais mulheres negras que virão. Essa força desempenhada por elas ressuscita a necessidade trazer à memória as lutas por direitos mais igualitários e a ruptura com o padrão hegemônico que traduzia os

discursos femininos negros através de seus discursos, estereotipando-as como somente corpos, não detentoras de capacidade intelectual. Enquanto a solidão feminina se constitui como local de reconstrução identitária.

Ao longo da pesquisa refletimos acerca das poetisas contemporâneas, Janaína Nery e Eliane Debus, e suas estéticas, de forma a demonstrar suas particularidades a demonstrar a importância dessas autoras nesse cenário, uma questão que se faz necessária, possibilitando a visibilidade às vozes que por longas décadas foram silenciadas e que hoje fazem parte do processo de descolonização da poética feminina, a essas poetisas que através dos seus versos resgatam a beleza, a força, a sororidade e até mesmo a sinergia como benefício para posteridade, em seus versos trazem a memória o passado que ainda restam resquícios a serem combatidos. Essas autoras depositam em seus poemas questões de antirracismo e de resistência.

A analisarmos e refletirmos sobre questões voltadas para as escrituras negras femininas na contemporaneidade que ainda carece que suas vozes ganhem mais amplitude, a pesquisa ascende esta problemática, a fim de que os horizontes e espaços discursivos sejam ampliados, de forma que estas escritoras tenham mais visibilidade, visando também a contribuição de fins acadêmicos, como fornece referencial teórico para pesquisadores, universitários, secundarista etc.

6 REFERÊNCIAS

BARTKY, Sandra Lee. Foucault, Femininity and the Modernization of Patriarchal Power Writing on the Body: Female Embodiment and Feminist Theory, Columbia University Press: New York, 1997.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BLOG ESCRITURAS NEGRAS. Conhecendo nossas autoras. **Blogspot.com**. 2021. Disponível em: <https://escriturasnegras.blogspot.com/p/conhecendo-no-nossas-autoras.html>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da poesia concreta**: textos críticos e manifestos 1950-1960. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

CARUSO, G. O vazio deixado pelas referências que se vão – Ou: perdemos bell hooks. **FGV Direito Rio**. 16/12/2021. Disponível em: <https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vaou-perdemos-bell-hooks>. Acesso em: 26 nov. 2024.

DEBUS, Eliane. O amor nas alturas. *In*: NASCIMENTO, Jeovânia Pinheiro do (org.). **Sinergia**. Bayeux: Literatura Feminina, 2021.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.** v.11, n.º 2, Porto Alegre, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

hooks, bell. Intelectuais Negras. **Estudos feministas**. Rio de Janeiro. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n, 2, p-464-469, 1995.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Trad. Stephanie Borges. Rev. Laura Massunari; Tomoe Moroizumi. São Paulo: Elefante, 2021. 272p

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

NERY, Janaína. Sozinha. *In*: NASCIMENTO, Jeovânia Pinheiro do (org.). **Escrituras negras - a mulher que reluz em mim**. São Paulo: Ixtlan, 2020.

REDAÇÃO DC. Literatura infantil e juvenil com Eliane Debus. **NSC Total**. 15/07/2022.

Disponível em:

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/literatura-infantil-e-juvenil-com-eliane-debus>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SALES, C. S. **Poesia negra brasileira de autoria feminina: assentamentos de resistência**. MESTER (LOS ANGELES), v. 50, p. 157-189, 2021. Disponível em:

https://escholarship.org/content/qt3dq801xw/qt3dq801xw_noSplash_8176ca4e1addae8c30889a4e6e21a9b0.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

SIGNIFICADOS: Sinergia. 2024. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sinergia/>. Acesso em: 10 out. 2024.

SILVA, Dircimar Souza. A relação entre o amor e o belo segundo Platão. **“Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes**.

Universidade Federal de São João Del-Rei, Ano I, Número I, janeiro a dezembro de 2005. Disponível em:

<https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/treinamento/Weiderson/Exist%EAnCIAeArte/Edi%E7%E3o1/ARELACAOENTREOAMOREOBELOSEGUNDOPLATAO.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afrodeseñdência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Olavo Barreto de. **O gozo pela palavra nas vozes femininas paraibanas**:

Amneres Santiago e Regina Lyra. 2017. 145f. Dissertação(Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2936>. Acesso em: 10 nov. 2024